



NA PIOR

— Moogle? — sussurrou Aya. — Você está acordada?

Algo se moveu na escuridão. Uma pilha de uniformes de dormitório se mexeu como se houvesse um pequeno animal embaixo. Então uma silhueta saiu das dobras de seda e algodão, ergueu-se e flutuou até a cama de Aya. Pequenas lentes encararam seu rosto, curiosas e alertas, refletindo a luz das estrelas que entrava pela janela aberta.

Aya sorriu.

— Pronta pra ir pro trabalho?

Em resposta, Moogle piscou os faróis noturnos.

— Ai! — Aya fechou os olhos com força. — Não faz isso! Detona a visão!

Ela ficou deitada na cama por mais um instante, esperando os pontos de luz sumirem. A câmera flutuante se esfregou em seu ombro pedindo desculpas.

— Tudo bem, Moogle-chan — sussurrou ela. — Eu só queria ter visão infravermelha também.

Um *monte* de gente da sua idade tinha visão infravermelha, mas os pais de Aya tinham uma cisma com as cirurgias. Eles gostavam de fingir que o mundo tinha parado na Era da Perfeição, quando todo mundo tinha que esperar fazer 16 anos para ser modificado. Os coroas às vezes eram tão fora de moda.





Então Aya continuava com seu nariz grande — definitivamente feio — e a visão normal. Quando ela saiu de casa para morar no dormitório, os pais tinham permitido que instalasse uma tela ocular e uma dermantena, mas apenas para que conseguissem contatá-la sempre que quisessem. Ainda assim, era melhor do que nada. Ela mexeu o dedo para ligar a interface da cidade no campo de visão.

— Epa — falou para Moggle. — É quase meia-noite.

Ela não se lembrava de ter cochilado, mas a festa dos Tecnavtas já devia ter começado. Agora provavelmente estava tão cheia de Viciados em Cirurgia e Cabeças de Mangá que ninguém notaria uma extra feia bisbilhotando.

Além disso, Aya Fuse era especialista em ficar invisível, como bem provava sua reputação. Sua posição atual não saía do canto da visão: 451.396.

Ela soltou um longo suspiro. Em uma cidade de um milhão de habitantes, estava apenas no nível de um extra. Aya transmitia o próprio canal há quase dois anos, divulgara uma grande matéria há uma semana, e ainda assim continuava anônima.

Bem, aquela noite finalmente mudaria isso.

— Vamos nessa, Moggle — sussurrou ela, saindo da cama.

Havia um manto cinza amarrotado aos seus pés. Aya o vestiu sobre o uniforme do dormitório, amarrou na cintura e subiu no parapeito da janela. Virou devagar para o céu e saiu, uma perna atrás da outra, para o ar fresco.

Colocou os braceletes antiqueda e olhou para o chão 50 metros abaixo.

— Certo, estou ficando tonta.





Pelo menos não havia inspetores à espreita por ali. Essa era a vantagem de dormir em um quarto no 13º andar — ninguém imaginava que a pessoa fosse fugir pela janela.

As luzes de uma construção do outro lado da cidade eram refletidas nas nuvens baixas e densas. O frio tinha gosto de folhas de pinheiro e de chuva. Aya se perguntou se iria congelar no disfarce, mas também não dava para colocar o casaco do dormitório por cima do manto e esperar que as pessoas não notassem.

— Espero que você esteja carregada, Moogle. É hora de pular.

A câmera flutuante passou por cima do ombro de Aya, saiu pela janela e colou no peito da menina. Era do tamanho de meia bola de futebol, coberta por plástico resistente e quente ao toque. Ao abraçar Moogle, Aya sentiu os braceletes tremerem, atraídos pelos campos magnéticos dos sustentadores da câmera flutuante.

Ela fechou os olhos com força.

— Pronta?

Moogle tremeu em seus braços.

Agarrada à câmera com toda força, Aya se atirou no vazio.

Fugir era tão mais simples naqueles dias.

No aniversário de 15 anos de Aya, o melhor amigo de seu irmão mais velho, Ren Machino, modificou Moogle. Ela só pediu que a câmera ficasse veloz o suficiente para acompanhar sua prancha voadora. Porém, como a maioria dos Tecnautas, Ren se orgulhava das modificações que fazia. A nova Moogle era à prova d'água e de choques, e possante o suficiente para carregar um passageiro do tamanho de Aya pelo ar.





Quase o que ela pedira. Com os braços em volta da câmera, Aya caiu tão rápido quanto uma flor girando no ar até o chão. Era mais fácil do que roubar uma jaqueta de bungee jump. Desconsiderando o momento de tensão do pulo, foi meio divertido.

Aya observou as janelas passando. Elas davam para quartos sem graça com decoração padrão decadente. Ninguém famoso vivia em Akira Hall, apenas um montão de extras de baixa reputação e aparências comuns. Alguns egomaníacos estavam sentados falando para as câmeras, mas ninguém estava assistindo. A média de reputação ali ficava na casa dos 600 mil, um valor patético e desesperador.

A obscuridade em todo o seu horror.

Aya se lembrava vagamente da Era da Perfeição, quando bastava pedir por roupas fantásticas ou por uma nova prancha voadora para elas surgirem de um buraco na parede como se fosse mágica. Mas, hoje em dia, o buraco não dava nada decente a não ser que a pessoa fosse famosa ou tivesse méritos para gastar. E ganhar méritos significava ter aulas ou realizar tarefas — o que quer que o Comitê da Boa Cidadania mandasse, basicamente.

Os sustentadores de Moogle entraram em contato com a malha magnética subterrânea e Aya dobrou os joelhos para rolar ao cair. A grama molhada parecia uma esponja encharcada, macia, porém gelada de dar calafrios.

Ela soltou Moogle e ficou deitada por um instante na terra molhada pela chuva enquanto seus batimentos desaceleravam.

— Você está bem?

Moogle piscou os faróis noturnos outra vez.





— Estou... mas isso *ainda* detona a visão.

Ren também modificou o cérebro da câmera flutuante. Inteligência artificial de verdade ainda era ilegal, mas a nova Moogle era mais do que apenas um conjunto de circuitos e sustentadores. Com os ajustes de Ren, a câmera aprendeu os ângulos favoritos de Aya, quando era o momento de fazer um enquadramento panorâmico ou dar zoom, e até mesmo a perceber pelo olhar da menina quando deveria gravar.

Mas, por alguma razão, Moogle não entendeu o lance de piscar os faróis noturnos.

Aya manteve os olhos fechados e tentou ouvir com atenção enquanto esperava os pontos de luz em seus olhos sumirem. Não ouviu passos nem o zumbido de robôs inspetores. Nada além de música abafada vindo do dormitório.

Ela ficou de pé e passou a mão na roupa para tirar a sujeira. Não que alguém fosse perceber a grama molhada grudada no manto, pois os Arautos da Fama se vestiam para não serem notados. A roupa tinha um capuz e parecia um saco, o disfarce perfeito para entrar e penetrar em festas.

Ao acionar o bracelete antiqueda, uma prancha voadora saiu de um esconderijo em meio aos arbustos. Aya subiu e encarou as luzes brilhantes da Vila Perfeita.

Era engraçado que as pessoas ainda usassem esse nome, mesmo que a maioria dos moradores não fosse mais perfeita — não no velho sentido da palavra, de qualquer forma. A Vila Perfeita estava cheia de Pixelados, Viciados em Cirurgia e várias outras tribos, manias e modas estranhas. A pessoa podia escolher entre um milhão de tipos de beleza e esquisitice, ou mesmo manter o rosto com que nascera pela vida toda. Agora, “perfeito” significava qualquer coisa que atraísse a atenção.





Mas uma coisa sobre a Vila Perfeita permanecia a mesma: a entrada não era permitida se a pessoa fosse menor de 16 anos. Muito menos à noite, quando as coisas legais aconteciam.

Especialmente se a pessoa fosse um extra, um perdedor, um desconhecido.

Ao olhar a cidade, ela se sentiu engolida pela própria invisibilidade. Cada uma das luzes brilhantes representava uma pessoa dentre o milhão de habitantes que jamais ouvira falar de Aya Fuse. E que provavelmente jamais ouviria.

Aya suspirou e avançou sobre a prancha.

As transmissões do governo sempre diziam que a Era da Perfeição acabara para sempre, que a humanidade estava livre de séculos de tolice. Afirmavam que as divisões entre feios, perfeitos e coroas não existiam mais. Que os últimos três anos desencadearam um mar de novas tecnologias que colocariam o futuro em movimento novamente.

Mas, no entendimento de Aya, a libertação não mudara tudo...

Ainda era um saco ter 15 anos.

